

## **Alagoa do Sul de Vila à Cidade: memórias urbanas na perspectiva da Cartografia Histórica**

**Bianca Machado Muniz**

Arquiteta - Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - Universidade Federal de Alagoas-  
[bianca602@gmail.com](mailto:bianca602@gmail.com)

**Roseline Vanessa Oliveira Machado**

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - Universidade Federal de Alagoas  
[roselineoliveira@gmail.com](mailto:roselineoliveira@gmail.com)

### **RESUMO**

A vila de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul, núcleo colonial da atual cidade de Marechal Deodoro, foi uma das primeiras povoações fundadas ao sul da Capitania de Pernambuco no final do século XVI, território que atualmente corresponde ao Estado de Alagoas. Foi referenciada nos relatos dos viajantes do século XVII, como também representada iconograficamente pelos colonizadores portugueses, e mais tarde pelos holandeses invasores. Estes referenciais imagéticos foram digitalizados e utilizados como principais fontes de investigação acerca do entendimento do percurso urbano de Alagoa do Sul, permitindo a intervenção gráfica e o embate dos mesmos com representações atuais da cidade e com relatos de época. Com isso buscou-se identificar permanências urbanas na cidade, como também os pólos definidores do traçado, e ainda as reminiscências não concretas de elementos que desapareceram, mas continuam referenciados, tais como nomes de determinados lugares. Assim, a manipulação iconográfica permitiu não apenas compreender a gênese urbana da referida cidade, como também valorizar a cartografia histórica como documento de pesquisa, e ainda a sua utilização para dar visibilidade, através de meios digitais, aos percursos da história urbanística brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** núcleo colonial; imagens coloniais; permanências urbanas.

### **ABSTRACT**

Santa Maria Magdalena de Alagoas South, the colonial area of the modern city of Marechal Deodoro, was one of the first settlements founded in the south of Pernambuco in the late sixteenth century, the territory which now corresponds to the state of Alagoas. Was referenced in the reports of travelers of the seventeenth century, but also represented iconographically by Portuguese colonists, and later by the Dutch invaders. These points were digitized imagery and used as primary sources of research about the understanding of Alagoa do Sul urban routes, for intervention and the clash of these graphical representations to present the city with reports of the time. Thus we sought to identify continuities of city dwellers, as well as defining the poles of the path, and not even the remnants of concrete elements which have disappeared, but still referenced, such as names of certain places. Thus, the iconographic manipulation allowed not only to understand the genesis of this urban city, but also highlight the historical cartography as a research paper, and also its use for making visible, through digital means, to the course of urban history in Brazil.

**KEYWORDS:** colonial area; Dutch images; urban remaining.

## I - A VILA DE ALAGOAS NA HISTORIOGRAFIA TEXTUAL

A região onde foi implantada a Vila da Alagoa, núcleo colonial da atual cidade de Marechal Deodoro, Alagoas, foi inicialmente povoada pelos índios Caetés, tendo sua formação urbana propriamente dita se realizado no final do século XVI. Sabe-se que ocorreram prolongadas lutas pela posse da terra, entre os índios e colonos portugueses.

Muitas fontes bibliográficas admitem a possibilidade do surgimento deste núcleo, como também, os de Porto Calvo e Penedo, estarem ligados à viagem na qual Duarte Coelho Pereira, donatário da capitania de Pernambuco, percorreu a costa em direção ao sul. Apesar da incerteza quanto à data, possivelmente a viagem foi realizada, pois segundo relato de Frei Vicente de Salvador, Duarte Coelho veio pela costa de sua Capitania até o Rio São Francisco, apaziguando os gentios e expulsando os franceses que pirateavam o pau-brasil, antes de voltar para Portugal:

Com estas e outras vitórias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto ânimo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacífico, senão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou naus francesas, que estavam ao resgate de pau-brasil com o gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e franceses, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e ele de uma bombardada, de que andou muito tempo maltratado, e contudo não se quis recolher até não a limpar a costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos índios, e isto feito se tornou para a sua povoação. (SALVADOR, 1982, p.118. (grifo nosso).

Essa primeira viagem, portanto, teria sido realizada entre 1535, quando Duarte Coelho Pereira tomou posse da capitania de Pernambuco, e 1553, quando o mesmo faleceu em Portugal. (MELLO & ALBUQUERQUE, 1997, p.4-7).

O ano de 1560 é marcado por outra viagem, realizada pelo segundo donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho de Albuquerque, onde o mesmo também pode ter deixado colonos nestas localidades, contribuindo para reforçar o povoamento da capitania, favorecido pelo afastamento dos índios caetés:

E assim, tanto que chegaram a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a conselho os homens principais do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegeisse por general da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo começou logo a fazer assim aos inimigos [caetés] do cabo de Santo Agostinho, saindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavam alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercício se ocupou cinco anos (...). (SALVADOR, 1982, p.162).

Porém as datas tidas como mais concretas para referenciar a fundação das povoações são as de doação das sesmarias no final do século XVI, após a visita do segundo donatário de Pernambuco, Duarte Coelho de Albuquerque. A sesmaria que originou a povoação de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul parece ter sido das três primeiras a mais tardia, tendo sido doada em 5 de agosto de 1591, tendo como sesmeiro Diogo Soares da Cunha. (DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p.57)

...Essa doação abrangia uma data de cinco léguas de terras ao longo da costa e sete para o sertão. O ponto de referência era a boca da lagoa Manguaba, daí três léguas da costa para o sul, e duas léguas para o norte. Diogo Soares pedira estas terras para nelas criar vila, adiantando logo que seu nome seria Madalena. (DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p.57).

Uma vez fundada a povoação, um dos primeiros indicativos de crescimento destes núcleos, era a criação da freguesia. Esta dava à nova localidade acesso não só aos atos litúrgicos, mas também à igreja como instrumento de cidadania, através da possibilidade de ministrar os sacramentos, e por conseguinte, gerar um registro: a certidão de nascimento pelo batismo, a de casamento com o matrimônio e o atestado de óbito pela unção do enfermos e sepultamento. As freguesias de Santa Maria Madalena e data do início do Século XVII.

Não se conhece com exatidão a data em que foi criada a primeira freguesia nas Alagoas. Sabe-se que foi Porto Calvo (...). A segunda criada foi a de Penedo, da qual também não se conhece a data: deve ser, porém, dos primeiros anos do século XVII, e talvez 1615, não figurando na Folha Geral citada, pelo fato de não ter vigário colado. Da mesma forma não se sabe a data de criação da das Alagoas. Penedo e Alagoas, porém, já eram freguesias em 1631, quando começa a invasão holandesa. (DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p.26-27. Grifo nosso).

Com o crescimento da freguesia, a povoação podia almejar um novo patamar: o de vila, como ocorre em 1636, conforme se encontra no relato de Duarte de Albuquerque Coelho:

Por não deixarnos o dia 23, deixamos a povoação de Porto Calvo que doravante trataremos por Vila de Bom Sucesso; que assim a titulóu Duarte de Albuquerque, em 12 deste mês, dando-lhe termo e jurisdição os poderes e privilégios que tinha de El-Rei para criar as que lhe parecesse. O mesmo fez com as povoações de Alagoas do Sul e do Rio São Francisco, chamando a primeira Vila da Madalena e a segunda de S. Francisco.

O local de implantação do núcleo urbano foi escolhido devido às vantagens naturais que oferecia, tendo a lagoa Manguaba ao sul e a Mundaú ao norte, além de vários rios. Desta forma, o sítio possuía uma hidrografia privilegiada que, posteriormente, deu condições de subsistência e de desenvolvimento aos engenhos. O terreno acidentado supria as condições de defesa, através de um sítio elevado topograficamente, e a proximidade com o porto do Francês viabilizava o desenvolvimento econômico da região.

Ao contrário de outros núcleos urbanos situados na região sul da Capitania de Pernambuco, tais como Penedo e Porto Calvo, A vila da Alagoa não tinha uma importância que lhe desse tanto destaque quanto as outras duas. Possuía poucos engenhos em seus arredores, e a lagoa não era um grande porto. Contudo, estava próxima ao Porto dos Franceses, e localizava-se em uma região bastante piscosa, o que chamou a atenção dos holandeses.

A região das lagoas era uma área de transição. A área de produção de açúcar “se iniciava em Alagoas e tomava corpo em Porto Calvo” (VERDONCK, Adriano. Memória oferecida ao Conselho Político de Pernambuco por Adrian Verdonck (1630, p. 33). Também produzia algum gado, embora a vila de Penedo, situada no limite Sul de Pernambuco, fosse uma grande produtora<sup>1</sup>:

ainda neste lugar existe grande quantidade de bois e vacas por causa do excelente pasto, de sorte que por este motivo os moradores possuem muito gado que é a sua principal riqueza e constitui a melhor mercadoria destas terras e com a qual mais se ganha devido à sua rápida multiplicação.

É bem provável que a necessidade de transportar o açúcar tenha levado os portugueses a fazerem os primeiros mapas daquela região. Estes, porém, se preocuparam em registrar principalmente a hidrografia, sem contemplar várias povoações da época, como pode ser percebido na produção da Família Albernaz.

Na época do domínio holandês no Brasil, a vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul foi alvo de ataques constantes. Em um dos ataques, ocorrido em 1633, sob o comando de Calabar, foi ateadado fogo à vila, com a destruição da igreja matriz e umas 100 casas, como diz A. Marroquim em “Terra das Alagoas” (referencia). Dirceu Lindoso, no livro “Alagoas Boreal” ou Diégues Júnior em “O Bangüê nas Alagoas” (qual dos dois?), fala que no tempo das invasões holandesas a economia açucareira sofreu um forte abalo.

Muitos engenhos, bem como suas produções se perderam devido às lutas entre portugueses e holandeses. Além do mais, vários senhores de engenho fugiram com suas famílias para Salvador, o que deixou vários engenhos de “fogo morto”. Mesmo assim, a invasão holandesa originou um outro tipo de riqueza, que atravessou os séculos e que hoje, se constitui em uma janela no tempo, que nos permite ter alguma visibilidade sobre vários acontecimentos daquele contexto histórico. Vários documentos surgiram, tanto do lado holandês como português, narrando as batalhas e conquistas, mas também descrevendo os núcleos urbanos nascentes que estavam envolvidos nestes acontecimentos.

---

<sup>1</sup> “Eram os dois distritos de São Francisco e Sergipe de El-Rei os mais abundantes de gado em todo o Brasil, e como o inimigo tinha já por seu o primeiro, procurava tirar o que pudesse do segundo, não só para acrescentar o seu, mas também para ir-nos desfalcando, considerando (e bem) que depressa nos faltaria à Bahia que também dali se provia; e que se por ventura chegassem nossas armadas, privados deste tão necessário mantimento, não poderíamos sustentar a guerra, assegurando-se na persuasão de que de Espanha não viria todo o preciso, como a ele tinha vindo de Holanda, pois sustentou-se assim mais de seis anos, em que não possuíam um palmo de campo”. (COELHO, in FREIRE, 2004, p. 414 - 415).

Mas é mérito exclusivo dos holandeses a elaboração minuciosa e detalhada de cenas que registraram largamente o Nordeste brasileiro, documentando cenas de batalha, mas também a fauna e a flora, e várias vilas e cidades, tanto cabeças de capitania, como muitas vilas de importância secundária. Entre estas tantas imagens, duas tiveram como tema a vila da Alagoa do Sul, e é através destas imagens que se tornou possível a realização deste trabalho.

Maurício de Nassau, que chegou ao Brasil em 1637, designado pela Companhia das Índias Ocidentais para assumir o posto de governador do Brasil Holandês, trouxe entre os integrantes de sua comitiva George Marcgrave e Frans Post, cujas imagens de sua autoria compõem o livro de Gaspar Barléus, que, como indicou o humanista, simplesmente constituem um retrato de uma parte da colônia, relativa ao chamado Brasil Holandês. O próprio Barléus expressa em seu livro a função dos integrantes da Companhia, dizendo que o Conde

enriqueceu e ornou com edifícios e cidades. Construiu pontes e palácios para utilidade e beleza. Erigiu, em parte por sua munificência, um templo para a piedade e para o serviço divino. Teve consigo e favorecer, na paz e na guerra, os mais eminentes artistas: arquitetos, geógrafos, pintores, escultores para que eles mostrassem, vencidos, aos holandeses de além-mar os lugares, as terras e as cidades que ele próprio vencesse. Julgava legítimo que o cultivo do engenho deveria acompanhar o império aonde ele fosse. Mandou desenhar cartas geográficas com grande cuidado e a suas custas, nas quais se representavam as cidades, vilas, povoações, fortalezas, currais, lagoas, fontes, cabos, estâncias navais, portos, rios, escolhos, engenhos, igrejas, conventos, plantações, posição das regiões, suas longitudes e latitudes e outras cousas, sendo autor delas Jorge Marcgrav, exímio geógrafo astrônomo, o qual incumbido de fazer o mesmo na África, lá morreu. (BARLÉUS, 1974, p.346-347. Grifo nosso).

## II - ALAGOA DO SUL DE FRANS POST E GEORGE MARCGRAVE

Entre as imagens de Marcgrave que integram o livro de Barleus, está o mapa *Pagus Alagoae Australis*, (Figura 01), que representa a povoação de Alagoa do Sul em mapa, expressando sua configuração urbana inicial, em meados do século XVII. A paisagem urbana da vila também foi documentada, por Frans Post, na estampa “*Alagoa ad Austrum*”, presente na mesma obra.

Três aspectos direcionaram a observação inicial desse conjunto iconográfico: o conteúdo global da representação de cada localidade, o conteúdo específico da concentração urbana e o conteúdo da representação urbana em vista. Quanto à primeira abordagem, a Figura 01 mostra que o núcleo habitado - Povoação da Alagoa do Sul - cujo nome foi registrado nas proximidades das construções, aparece enquadrado em um recorte que abrange um fragmento da lagoa e uma faixa de território. Este é representado com nuances de cor, sugerindo que as construções estão assentadas em uma região distinta da área livre em termos de caracterização geográfica. O nome da vila está indicado logo acima de uma das

estruturas edificadas. Elementos naturais – Lagoa do Sul, topografia (depressão) e elementos edificadas (povoação, reduto) estão assinalados com textos. Há indicação da escala gráfica (9) e referência de orientação (10).

Podemos também dividir o mapa em quatro faixas horizontais (Figura 04). A primeira e a terceira, referenciadas como “*depressa loca*”, representam a área mais baixa da topografia, em nível próximo ao da lagoa. A segunda faixa, onde estão localizadas as principais construções do povoado, é a área mais alta. A quarta faixa, corresponde à lagoa.

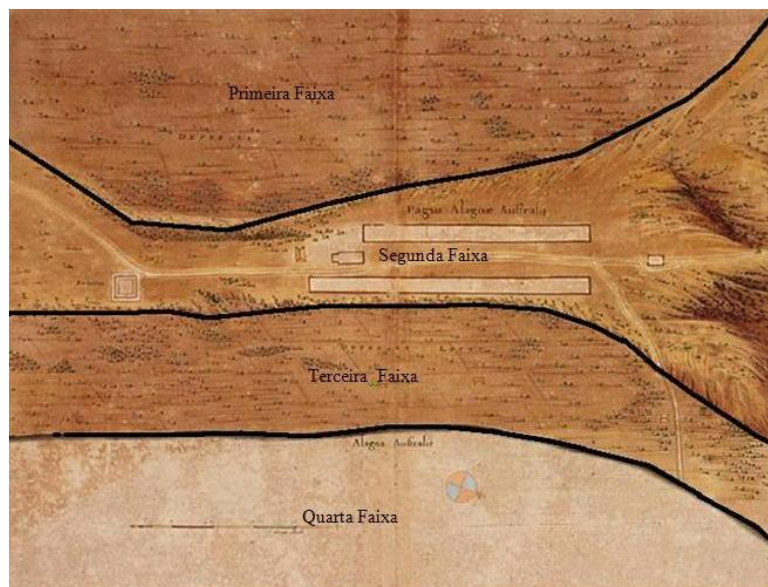


Figura 01: *Pagus Alagoae Australis*. George Marcgrave, 1647, com inscrições destacando a topografia representada graficamente em quatro faixas.

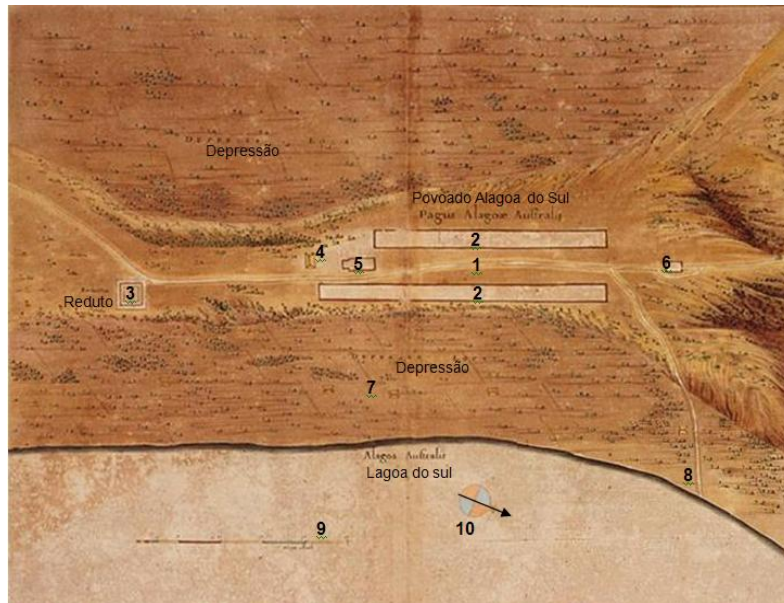


Figura 02: *Pagus Alagoae Australis*. George Marcgrave, 1647, com inscrições indicando os principais elementos conformadores do núcleo urbano.

Quanto ao conteúdo específico da concentração urbana, na representação da Figura 01, a Vila de Alagoa do Sul está situada em uma extensa área livre. Mostra-se composta por um caminho de direcionamento retilíneo, ladeado por casas (1). Duas estruturas edificadas definem as extremidades do espaço ocupado da vila: uma igreja (6), a noroeste, e um reduto (3), a sudeste, também situados no alinhamento do caminho. A partir desses edifícios os caminhos continuam sendo que na área próxima ao reduto, o percurso direciona-se para a parte sul do território. Um outro caminho parte do eixo ocupado pelos edifícios em direção a lagoa (8).

Pela ausência de referências na bibliografia consultada, é possível que o reduto tenha existido apenas no contexto da invasão holandesa, e por isso, tenha sido representado pelos mesmos.

Assim, é mais provável que as igrejas delimitassem o “perímetro urbano” de Alagoa do Sul naquele momento, isto é, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição(5) e a Igreja do Rosário dos Pretos (6). Estando as duas nas extremidades do segmento urbano deste caminho, temos paralelos ao mesmo dois blocos retangulares (2) que seriam as construções residenciais geminadas dos moradores da vila. Outras casas, de representação semelhante de coberta (em quatro águas) podem ser percebidas na área indicada como sendo “depressa loca”, depressão geográfica, às margens da lagoa. Uma única unidade desse tipo de representação (4) aparece próxima a igreja, agora de maior porte que as demais.

Para além das duas igrejas, o caminho que parte da esquerda provavelmente do porto dos Franceses, passa pelo reduto, e pela matriz, rumo à igreja do Rosário, e daí em direção noroeste para o “sertão”,

como eles costumavam chamar naquela época os lugares mais afastados do mar. Já o caminho que parte da igreja do Rosário, provavelmente levava até o porto da vila, próximo ao lugar onde foi construído posteriormente um convento franciscano.

Relativamente à representação urbana em vista, o conjunto de obras de Frans Post chega ao número de 247 imagens, dentre óleos, desenhos e gravuras. (LAGO, 2006) Onze gravuras elaboradas por Frans Post durante o período de 1644 a 1646, portanto, quando já deixara o Brasil, compõem o livro de Barléus, grande responsável pela divulgação de seu trabalho, apesar de não ter sido mencionado em sua narrativa tal como fora Marcgrave. (Ibidem, p. 106 e 400).

Observadas em conjunto, nota-se uma constância de esquema compositivo de Post. Em todas as gravuras revisadas, o pintor reserva 3 faixas pictóricas: uma destinada à legenda, outra que usava para o registro do conteúdo das vilas, e outra para o céu, sendo que o primeiro terço da tela, desconsiderando a faixa da legenda, define a linha do horizonte. Nesta última faixa, que apresenta coloração e composição semelhantes, está demarcado o brasão das vilas, ora tendendo para a esquerda ora para direita. Apenas o de Olinda apresenta uma localização centralizada. Nessas telas pode-se reconhecer ainda uma repetição compositiva relativa à demarcação de uma massa vegetal em uma das extremidades do enquadramento.

Em termos de conteúdo documental, parte das informações contidas nessas imagens é indicada por legenda. Entretanto, muitas outras informações compõem essas telas, tanto ao que se refere às representações gráficas quanto ao seu conteúdo iconológico.

Na representação da paisagem da Vila da Alagoa do Sul (Figura 07 e/ou 8), aparecem duas concentrações de edifícios: uma ocupando uma área central da figura, correspondendo à igreja (1), circundada por paliçada e locada no alto de um monte, e outra às margens da lagoa (11), indicada textualmente como sendo cabanas de pescadores (12). Na direção da igreja, marcada por um caminho (14), nota-se uma espécie de porta de entrada para a área fortificada. Construções de pequeno porte, parte delas indicada por Post como sendo “cabanas de pescadores” (4), em comparação com o volume arquitetônico da igreja, encontram-se nas proximidades da paliçada.





Figura 03: *Alagoa ad Austrum*, com a tradução e indicação das legendas.



Figura 04: *Alagoa ad Austrum*, com a marcação dos principais elementos que compunham o núcleo urbano.

A vista da vila mostra o acesso ao Porto do Francês, algumas casas de pescadores, a lagoa Manguaba e a igreja fortificada. Aparecem ao longe algumas casas onde, mais tarde, veio a ser construído o convento franciscano.

A imagem teria sido realizada do ponto de vista de quem chega na vila a partir do Porto dos Franceses, e assim, pode-se ver a fachada posterior da igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Figura 01, ponto 5) mas não a igreja do Rosário dos Pretos nem as casas. Mas é possível ter uma vista da lagoa e também do desnível na topografia representado em mapa. O reduto (Figura 03, ponto 3), também não aparece, e podemos levantar a hipótese da imagem ter sido realizada a partir deste ponto.

### III - PERMANÊNCIAS SEISCENTISTAS NA FEIÇÃO ATUAL DE ALAGOAS DO SUL

A análise iconográfica indicou que os primeiros pólos construtores do traçado em Marechal Deodoro foram a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja do Rosário dos Pretos, e o porto, estando este arranjo se configurando num segmento de uma linha que se estende para além dos “limites” do núcleo urbano.

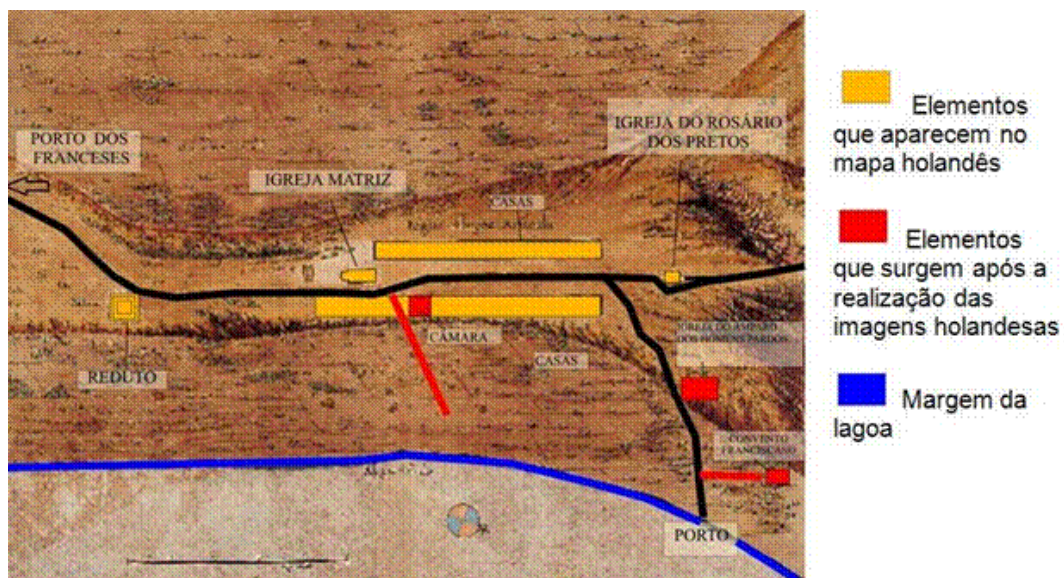


Figura 05:1 Esquema a partir da Figura 01, destacando permanências e elementos posteriormente construídos no núcleo urbano.

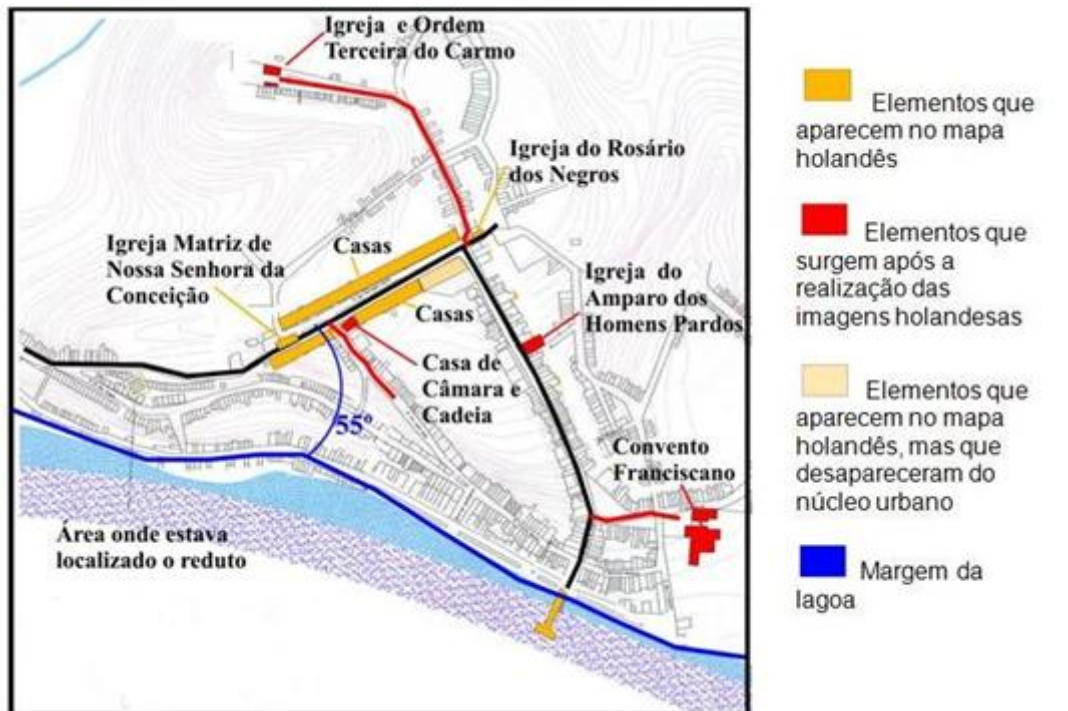


Figura 06:2 Esquema das permanências urbanas resultante do confronto entre a Figura 01 e um mapa atual.

O confronto entre a Figura 01 e um mapa atual revela que uma série de correspondências. Atente para a linha da margem da lagoa, paralela a linha do arruado e das casas, se encurvando próxima ao porto. Ainda se pode notar, na complexidade do mapa atual, o desenho original e elementos posteriores. A distribuição das ruas demonstra claramente terem surgido naquela época. Parte considerável do parcelamento ainda ocupa uma proporção semelhante à descrita no mapa holandês, apesar das casas existentes serem provavelmente posteriores. Observe que aqui a margem da lagoa forma um ângulo de aproximadamente 55 graus em relação a rua da Matriz, não sendo, portanto, paralelas como o representado na imagem do século XVII.

Reconhece-se também semelhanças tanto no ambiente construído e, ainda, na memória espacial urbana, como o direcionamento do traçado, o posicionamento das igrejas de Nossa Senhora da Conceição – matriz da cidade – e da igreja do Rosário. Além destas, permanece, de maneira peculiar, o reduto holandês: embora sem referências na bibliografia acessada, a rua que passa atrás da igreja de N. S. da Conceição, local onde, nas imagens holandesas situa-se o reduto (Figura 01, ponto 3), ainda hoje chamado pelos habitantes de Marechal Deodoro “Rua do Forte”.

Tal reconhecimento remete credibilidade à iconografia histórica que, vencendo a posição de fontes auxiliares como foi tratada por tanto tempo, cada vez mais, tem ganhado espaço no campo dos estudos da paisagem, especialmente do contexto do início da formação do Nordeste brasileiro.

#### IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Duarte de Albuquerque. Memórias Diárias da Guerra do Brasil (1654). In: FREIRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia: história da guerra brasileira (1675)*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004 (cd-rom).
- BARLEUS, Gaspar. *História dos Feitos Recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Biblioteca Nacional, s.d. (Cd-rom).
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *O banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional*. Maceió: EDUFAL, 1980.
- DUARTE, Abelardo. *Notas sobre as fortificações holandesas em Alagoas*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, v. XXIV, ano 1947, p. 75-80. Cd-rom.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de & ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *Cartas de Duarte Coelho a El Rei: reprodução fac-similar, leitura paleográfica e versão moderna anotada*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.
- LAGO, Beatriz e Pedro Corrêa do. *FRANS POST {1612-1680} Obra Completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.
- VERDONCK, Adriano. *Descrição das capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentado ao conselho político do Brasil por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630, ano, p. 36*